



# Retrospectiva do Jornal Aldrava Cultural



**J. B. Donadon-Leal - Mariana - MG**  
Professor Emérito da UFOP. Doutor em Semiótica (USP). Pós-doutor em Semiótica (UFMG). Presidente da Comissão Editorial do Jornal Aldrava Cultural. Membro da ALACIB-MARIANA, Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes.

Depois de 10 anos sem experimentar as manchas gráficas sobre papel jornal, o Jornal Aldrava Cultural volta em seu formato impresso, para edições especiais de registro dos 22 anos de atividades do Movimento Aldravista de Literatura e Artes. Era outubro de 2000, quando o poeta Gabriel Bicalho reuniu intelectuais em Mariana para criar o Jornal Aldrava Cultural. Na edição de número 1, lançada em novembro de 2000, Lázaro Francisco da Silva, professor e filósofo, lavrou no primeiro editorial que "do particular para o geral, do regional para o nacional, em busca do receptor daqui e de toda parte, Aldrava bate às portas: – alguém casa?" Lázaro ainda mostrou que o Aldrava abrigava história da literatura mineira, apresentando Santa Rita Durão, e literatura em prosa, publicando o conto "quando os ipês florescem". Arley Camillo expôs o conceito de Aldrava e fez a primeira apreciação de obras de arte do jornal, apresentando a obra de Elias Layon, ricamente ilustrada com sonetinho em redondilhas menores de Gabriel Bicalho. Os museus de Mariana tiveram espaço no jornal inaugural com a apresentação do Museu Casa de Alphonsus de Guimaraens e do Museu Arquidiocesano de Artes Sacras. Claro, muita poesia e crítica literária. Na capa texto apresentando a Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, atestando que o jornal vinha para somar às iniciativas culturais já existentes na cidade. A diagramação de Gabriel Bicalho fez a diferença, dando poeticidade à programação visual do jornal, ele que é mestre em poesia visual, marcando o diferencial deste jornal, exclusivamente dedicado à literatura e às artes. Assim nasceu o Jornal Aldrava Cultural que mudou definitivamente a história da literatura e da cultura artística de Minas Gerais.

Nesses 22 anos de história editamos 102 jornais impressos mais de 150 livros de poesia, romance, conto e crônica.

Nas artes plásticas, Andreia Donadon Leal desenvolveu o conceito de arte aldravista, propondo uma pintura metonímica, representação de estados da natureza sem a intrusão fotográfica, com a exploração da pareidolia como elemento provocador de ilusão imagética. Essa arte foi reconhecida internacionalmente, tendo sido premiada em 2006 e 2008 na Espanha e em 2007 na Itália, e merecedora de exposições em importantes galerias brasileiras e estrangeiras.

Na criação literária, além dos diversos livros de poesia dos quatro poetas que sustentaram a construção do movimento aldravista de Mariana (Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, J. B. Donadon-Leal e J S Ferreira), estes também criaram, em setembro de 2020, a primeira forma poética genuinamente brasileira, a aldravia, poema minimalista de 6 versos univoculares. Essa forma poética já alcançou reconhecimento acadêmico, pois tem sido objeto de estudo em diversas monografias de bacharelados, dissertações de mestrado e teses de doutorado nas áreas das linguagens. Para acolher os poetas aldravianistas, a escritora Andreia Donadon Leal criou a Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas, que hoje tem centenas de participantes, publicando suas aldravias em página da internet. Também criou o Livro das Aldravias, já chegando à sua décima edição, sempre com mais de cinquenta poetas em cada edição. Já é possível também contar uma centena de livros de aldravias publicados por poetas brasileiros e estrangeiros. Os pilares do aldravismo se acham no exercício pleno da liberdade, do qual se extraem as práticas democráticas de produção e de leitura de produtos artísticos textuais, plásticos e musicais. Não há qualquer imposição interpretativa nas proposições aldravistas, uma vez que os leitores ou espectadores são plenos no direito à compreensão que suas histórias de vida e seus repertórios permitem. Esse exercício de liberdade tem raízes no espírito libertário herdado dos poetas incondentes e nas mais destacadas correntes científicas das áreas das ciências das linguagens e das sociedades do século XX, especialmente nos estudos das semióticas discursivas.

No campo das ações sociais do aldravismo, o jornal já nasceu com distribuição gratuita, e ganhou incremento, quando Andreia Donadon Leal criou diversos projetos de democratização do acesso ao livro e à leitura, merecendo destaque o "Projeto Poesia Viva – a poesia bate à sua porta", que desde 2006 já distribuiu mais de 150 mil livros a comunidades carentes de diversos municípios brasileiros, tendo sido contemplado 2 vezes pelo Prêmio VivaLeitura do MEC-Minc.

Na abrangência internacional, o aldravismo foi acolhido e reconhecido por academias de letras, entidades culturais e universidades de Portugal, Espanha, França, Ilha da Madeira e Chile.

O poder público marianense também reconheceu o aldravismo como movimento nascido em Mariana, através da Lei 3.497/21 que cria o Dia da Aldravia e a Semana da Arte Aldravista. Além disso, o legislativo municipal criou a Comenda Aldravista, a ser concedida anualmente a um escritor e um artista plástico.

Essa história nasceu de um jornal, mas como disse Lázaro Francisco da Silva em seu primeiro editorial, "não é qualquer jornal que surge, apresentando por suporte dois departamentos acadêmicos, História e Letras, além do renomado elenco de escritores hoje mais que emergentes, pessoas cuja motivação de vida é a produção estética e a compreensão histórica da realidade..." Daí, o resultado é esse: um patrimônio artístico de inestimável valor para a humanidade.

Esta retomada do Jornal Aldrava Cultural é pontual e histórica, para rememorar o legado constituído e ampliar os horizontes da criação artística e cultural de Mariana, consolidando-a como cidade criativa, que preserva e cultua o passado, respeitando-o, mas vive o presente, projetando-se para o futuro em permanente construção patrimonial.



**Aldravismo – 22 anos de poesia viva!**

# ENSAIO - ALDRAVA

Como sempre, começo observando a palavra. Aldrava. No Houaiss, encontra-se o seguinte verbete, literalmente: "substantivo feminino, m.q. aldraba." Veja só! Aldraba. Então, vamos a esse vocábulo, na mesma fonte, uma vez mais, literalmente: "n substantivo feminino; 1 pequena tranca metálica para fechar a porta, com dispositivo por fora para abrir e fechar; ferrolho; 2 tranca us. para escorar portas e janelas; 3 peça móvel de metal, em forma de argola, mão etc., que se prende às portas e serve para bater, chamando a atenção de quem se encontra do lado de dentro; batedor, batente; 4 Regionalismo: Brasil. perneira de couro us. pelos sertanejos; 5 Rubrica: termo de marinha. pequena tranca de ferro que segura a cana do leme por ante à ré da parte superior da madre do leme". Aqui me interessam as acepções 1, 2 e 3. Sobretudo a terceira. Nela, vê-se, encontra-se a definição cristalina de um movimento que, escapando completamente do domínio da Física, subscreve-se a outro (talvez) mais rico: o da Literatura. A ideia de abrir através de um instrumento – a peça metálica descrita nas acepções dicionarizadas do vocábulo "aldraba", obviamente, é suficiente para respaldar o que desejo dizer. A ver. A tal "aldraba" é peça – hoje artesanal no âmbito da arqueologia ou do patrimônio material de uma cultura particular – revela nuance que inspira um grupo de habitantes de uma certa localidade imersa na continentalidade do Brasil, alcunhada de "primaz de Minas". Este último substantivo vai escrito em maiúscula por óbvio, é o estado de Minas Gerais, e a "primaz", por sua vez, é Mariana, como já sabido, por ter sido a primeira capital desse mesmo Estado. Ora, ao lado da História e da Física, deparamo-nos com os portais da Literatura. O uso desta imagem é positivamente tendencioso: aponta para o ponto de fuga de minhas considerações. Falo do simbolismo do objeto antes referido e dicionarizado que, pelas sendas da Literatura encontra expressão peculiar que, como disse, a partir da Física e da História, constitui exercício de poesia. Atenção, este termo aqui, há de ser entendido em sua máxima amplidão: ofício da palavra que cria, imagina, representa, constrói, edifica, etc. assim, a passos moderadamente lentos – o que não conota sentido pejorativo, por suposto – a figura do ferrolho, a aldrava, como é usado mais comumente –, agencia o pleno exercício poético que, em seu início, tem num grupo de quatro pessoas, quatro poetas particularmente, ousou chamá-los de meus quatro cavaleiros do apocalipse. Sim, o apocalipse também é "meu"! Num determinado momento, não por coincidência – dado que a experiência estética do grupo já se desenvolvia por outros meios e formas – a ideia de abrir, de entrar, de libertar ocupa o espaço mental sempre vibrante e dinâmico, não apenas do grupo em específico. Retomando – talvez, o termo mais instigante seria "reinventando", mas recolho-me à minha insignificância e fico com o mais usual, por humildade – o raciocínio, a ideia que se lhes ocorreu encontra eco em priscas eras da "primaz", exatamente no ponto em que se inicia um caminho que vai buscar a liberdade. Os arcades, como são tradicionalmente conhecidos, buscam – ainda que sua origem não os respalde, mas o espírito poético transcende tais estreitos, limitados e convencionais limites conceituais! – promover a liberdade de uma nação que começava a ultrapassar o estágio de embrião, já tornado feto que, pouco depois, vai ser dado à luz e conceber uma nação. Pois é. Os arcades. Mesmo sendo, boa parte deles, nascidos em Portugal, exatamente o reino que dominava as terras tropicais onde se encontravam, revoltam-se. Produzem uma poesia que abre portas, liberta de grilhões – não apenas poéticos – instaura nova face para uma atividade que, ainda incipiente, vai desaguar, como já sabido, na expressão nacional da arte superior que é a poesia. Assim acontece com o Aldravismo. O sufixo "ismo" acrescenta à palavra "aldrava" seu caráter dinâmico de criatividade, de invenção de libertação. Acompanhando o espírito arcade, o Aldravismo propõe uma experiência estética genuinamente circunscrita ao espírito de liberdade, de invenção. Há no/com o Aldravismo uma superação dos ideais estéticos do Modernismo de 22 por sua peculiaridade: ser um movimento poético – no sentido mais amplo e abrangente do termo – que instiga o leitor, o espectador, a participar efetivamente da construção de sentido do artefato estético produzido. Em outras palavras, no caso específico da Literatura, o sentido dos versos vai ser respaldado pelo pleno exercício metonímico da linguagem. Antes a metonímia, sem prescindir da metáfora, o Aldravismo poético – aqui num sentido mais estrito – prima pela dinamização máxima da metonímia. Isso faz com que o autor de poesia aldravista conte com a colaboração efetiva e consequente do leitor que vai construindo o sentido do poema, a partir das articulações que faz, utilizando-se do princípio da contiguidade, matéria prima da metonímia. O Aldravismo é, então, um processo, um continuum que se renova sempre, alargando, cada vez mais, os horizontes criativos da arte.



**José Luiz Foureaux de Souza Júnior**  
Contagem - MG

Professor Titular aposentado na UFOP. Graduado em Letras (PUC-MG), concluiu Mestrado em Teoria da Literatura (UnB) e Doutorado em Estudos Literários-Literatura Comparada (UFMG). Fez dois estágios de Pós-doutoramento: em Literatura Comparada (UFF) e em Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra).

# COLUNA DA **ALDRAVIA**

01  
desafiando  
seco  
inverno  
orquídeas  
anunciam  
primavera

(Andreia Donadon-Mariana - MG)

02  
caverna  
do  
tempo  
saudade  
só  
minha

(Débora Novaes - São Paulo -SP)

03  
equíferos  
galopando  
a  
barlavento  
suam  
liberdade

(Ângela Togeiro - Belo Horizonte - MG)

04  
lua  
nua  
amua  
névoa  
trovoa  
voa

(Lino Mukurruza - Niassa - Moçambique)

05  
folhas  
caídas  
lágrimas  
perdidas  
choram  
saudade

(Celeste Cortez - Lisboa - Portugal)

06  
noite  
na  
aldeia  
adormecem  
casais  
sonhando...

(Manuel Amendoeira - Cascais - Portugal)

07  
impaciencia  
viernes  
¿el  
periódico  
del  
domingo?

(Begoña Montes Zofio - Madrid - España)



# poesias

minha vila  
Gabriel Bicalho  
Mariana - MG

I  
no bojo do teu nome  
inda ressona  
o mar de Portugal

II  
és Mariana:  
arquétipo barroco  
das sagas lusitanas

III  
em ti  
o que persiste  
de colônia  
em tudo  
me fascina

IV  
amo-te enquanto Minas  
começando aqui!

V  
amo-te nas manhãs  
de lírica atmosfera  
dentre as brumas  
(nesta calma)

VI  
amo-te na singeleza  
de vila quando a tarde  
põe repiques de sinos  
em minh'alma

VII  
amo-te à noite quando a lua clara  
põe retoques de prata nas montanhas  
e um céu inteiro belo se escancara  
a estampar o infinito itinerário  
das estrelas ao meu sonho navegante

VIII  
amo-te amante  
de um amor atávico:  
há mais de três séculos  
fluindo no meu sangue!

**LAS NUBES - Recuerdos  
de una finca**  
Zaira Melillo Martins - Caeté - MG  
(Pereira - Dosquebradas  
Colombia - 1994)

Quando la tarde en las montañas  
se aproxima de la noche  
con el silencio,  
el viento frío,

los animales en las vertientes...  
la emoción nos toma,  
las voces se callan,

los pensamientos vuelan  
en los sueños...

Y las nubes pasan  
veloces, fugaces,  
y nos escapan...

Como los momentos felices  
de la vida,  
las nubes pasan...

Descuido  
J.B.Donadon-Leal  
Mariana - MG

Sempre tive a mania  
de recolher  
se encontro jogado por aí  
parafusos  
pregos  
porcas  
arruelas

pequenos objetos que  
de vez em quando  
a gente os procura  
desesperado

Nunca, porém, tive o cuidado  
de recolher  
se os encontro  
descuidado  
olhares  
afagos  
palavrinhas

pequenos carinhos que  
a gente necessita  
desesperado.

**A professora  
(Uma homenagem à Hebe Rola)**  
Israel Quirino - Mariana - MG

A montanha, ao dilúculo, desperta  
Da luz se envolve em manta hialina.  
Manhã de verso que aos olhos oferta  
Tenros passos de predestinada sina.  
E um bem-te-sino se anuncia à Febe  
Menina-luz a que se evoca: Hebe!

Se em hierarquia se ajustam os astros,  
Um rei de luz a lhe marcar os rastros,  
Meio do dia a subscreve a Palas  
Qual verbos se alinham por letras a giz  
Em verdes quadros de muitas salas:  
Hebe que ensina a ser eterno aprendiz!

E se ao entardecer se dirige o sol da vida  
Ao ocaso não se verte a olhos postos.  
Na cabeça mente sã, pela neve colorida,  
Aplana, para outros, caminhos inóspitos.  
Perdura a razão em sua rica inquietude  
Atenta em Hebe, a permanente juventude!

Cordel do Galo Véio na São  
Silvestre  
Andreia Donadon Leal  
Mariana - MG

Com sol, com chuva nas ruas  
A figura lá apontava  
Um aceno assim me dava  
As vontades eram suas  
Um atleta dos ligeiros  
Um palpite aqui estêio  
A vitória tem seus meios  
Quando o atleta é Galo Véio.

Lá vai ele em seu trotado  
Pernas finas, pés no chão  
Se do trigo faz-se o pão  
No cacete ele é sovado  
Um atleta dos ligeiros  
Diante dele me ajuéio  
Salt'os galos dos puleiros  
Se quem manda é o Galo Véio

Nesse treino vai a esmo  
Pelos ruas da Primaz  
Ganhar, perder, tanto faz  
Pois compete c'ele mesmo  
E pra quem desdenha dele  
Retratar-se eu aconséio  
Em seu mundo se espelhe  
Venha ser um Galo Véio

Todo aluno tem seu mestre  
Um aprende e outro ensina  
Mas se o aluno tem por sina  
Ir correr na São Silvestre  
Vai mestre passar chapéu  
E eu vontade co'ele méio  
Peço ajuda até pro céu  
Pra levar o Galo Véio

O destino é a Paulista  
Desejo de gaveteiro  
Se subir a Brigadeiro  
Tá celada sua conquista  
Pra que ele viva esse sonho  
Meu teiado até distéio  
Acompanhá-lo disponho  
Pra dar luz ao Galo Véio

E não é que ele chega  
Na linha da bandeirada  
E vencida essa jornada  
Derreteu-se igual manteiga  
E chorava igual criança  
Junto ao povo paulicéio  
Esse atleta da esperança  
Gaveteiro Galo Véio.

## Canto do Trovador

GABRIEL BICALHO - MARIANA - MG  
DELEGADO DA UBT - SESSÃO - MARIANA - MG  
EX-SECRETÁRIO GERAL DA UBT-NACIONAL  
MEMBRO DA ACADEMIA MARIANENSE DE  
LETRAS E DA ALACIB-MARIANA. PRESIDENTE DA  
ALDRAYA LETRAS E ARTES.



Sinto o frio e a madrugada,  
em profunda escuridão:  
sou quem de tristeza nada,  
mergulhado em solidão!  
Gabriel Bicalho

Vem a Musa, hoje, esquecida  
memória de um Trovador:  
traz, nos retalhos de vida,  
silêncios de um velho Amor!  
Gabriel Bicalho

Brilha a Trova e sou feliz,  
se inspiração me conduz:  
surge o verso e contradiz  
a hora do apagar da luz!  
Gabriel Bicalho

Pela guerra, hoje, comprovas  
o quanto de humano levas:  
pois se, agora, faço trovas,  
os guerreiros fazem trevas!  
Gabriel Bicalho

Minerais tardes mineiras,  
de Mariana, secular:  
batem sinos nas ladeiras,  
onde os anjos vêm rezar!  
Gabriel Bicalho

Trova me lembra pepita  
de ouro puro, ao garimpar:  
quando a bateia se agita,  
sobre a ilusão, a brilhar!  
Gabriel Bicalho

A beleza encanta a gente,  
quando chega a Primavera  
cada flor se faz presente,  
que Deus abre à nossa espera!  
Gabriel Bicalho

A saudade me alucina  
e o medo de não voltar:  
sou aquela pequenina  
caravela em alto mar.  
Gabriel Bicalho

Ao sofrer a ausência tua,  
sou confuso girassol:  
de manhã, procuro a lua;  
de noite, procuro o sol!  
Gabriel Bicalho

Amor sincero não medra,  
nem por corpo escultural,  
quando um coração de pedra  
bate em peito de cristal!  
Gabriel Bicalho

## Crônica



Andreia Donadon Leal - Mariana - MG  
Graduada em Letras, Mestre em Literatura  
e Doutoranda em Educação. Membro da  
ALACIB-MARIANA e da Academia  
Marianense de Letras, Ciências e Artes.

### As linhas do meu coração têm perfume!

Dia chuvoso, frio; ora na estiagem, ora nublado. Esfria, esquentando. Difícil não ver ternura na divergência do tempo, no compartilhamento da inutilidade aparente dos móveis. Há ternura no desabafo textual alinhavado por letras, palavras e orações na carta envelhecida do adolescente. Perco-me na fala poética do autista. Volto o vídeo, repetidas vezes. "Sou péssimo de coordenação motora, mas muito inteligente". Oro por ele e por nós de noite a noite, às vezes, perdida no condicionamento repetitivo da prece: senhor, tende piedade de nós; nos livre deste buraco negro! Inspiro um pouco de mofo, tédio e desordem de ideias. A inutilidade dos jogos de tintas nas telas me comove profundamente. Sem tecnicismo, a arte se faz livre no descumprimento do figurino. Vozes ao longe, gritadas, incompreensíveis, lembram-me a musicalidade simbolista das 'vozes veladas, veludosas vozes'. Transpiro com frequência.

Envelheci hoje, porque ontem não tive tempo de notar as primeiras rugas. Não me restringi ao rosto nem à pele. Eu deveria ter outras coleções de brinquedos quebrados; ter cumprido dietas ao avesso, sabotado planos milimetricamente engendrados...

O vento é fluxo sem destino, vagando entre gretas da casa. A musicalidade do silêncio tem sinais sonoros em emoções. Faço sessões de terapia dialogando com pássaros e osgas. A música ao longe me toma a atenção. Perco-me nos acordes afinados e desafinados. Sempre me encantei com a amizade fraterna das cadeiras com as toalhas de banho. Abajur sem luz toma brilho do porta-retrato vazio e sujo. Conferencio com o silêncio que me corta. Sou ponto minúsculo navegando distâncias invisíveis. Conspiro com janelas e portas, nosso confinamento diário. As cortinas compreendem o juramento de 'até que a doença nos afaste do êxtase da convivência'. Dói-me a consciência lembrar da cadeira de balanço quebrada! De ter feito absolutamente nada para devolver-lhe o status quo. Minhas meias foram colocadas na fronha do travesseiro, para aquecer meus sonhos noturnos. Sonhar acordada advém da arte de: liberta-se do automatismo insano. Desabafos e segredos sempre foram guardados por trincos, chaves e portas. Eles nunca me delataram. Aparto dores com emplastos de folhas de chá de poesia. As aflições do ser humano são minhas aflições compartilhadas. Nunca neguei que me alimento de doses de brisa e irracionalidade para fazer poesia. Que razão há nos meus versos? Que razão maior há em não ter motivo para existir? Que razão mais armada e amada há de ser absolutamente ternura na inutilidade aparente dos móveis cobertos de poeira, na carta velha do adolescente apaixonado, de sentir cheiro do sol, da nuvem; de colocar meias na fronha do travesseiro para aquecer os sonhos? As linhas do meu coração têm perfume.



# NOTÍCIAS CULTURAIS

## PROJETO DE LEI CRIA O DIA DA ALDRAVIA E A SEMANA DA ARTE ALDRAVISTA

A Prefeitura sancionou a Lei Municipal nº 3497, que cria o Dia da Aldravia e a Semana da Arte Aldravista. A solenidade aconteceu na Casa da Arte Aldravista com a presença Andreia Donadon, JB Donadon, Gabriel Bicalho, Hebe Rôla e J.S.Ferreira, criadores da forma de poesia.

A aldravia é uma forma poética nascida em Mariana, que terá o seu dia marcado para ser celebrado em 17 de setembro. A data será inserida no calendário escolar e cultural do município, com atividades literárias e científicas nas escolas da Rede Municipal de Ensino e abertas ao público. A Semana da Arte Aldravista será celebrada na terceira semana de setembro de cada ano com o objetivo de difundir a prática literária da aldravia como forma de expressão na literatura contemporânea.



Gabriel Bicalho (Presidente da Aldrava Letras e Artes), Andreia Donadon (Diretora de Projetos Culturais) e Juliano Vasconcelos (Prefeito Municipal de Mariana) Casa da Arte Aldravista

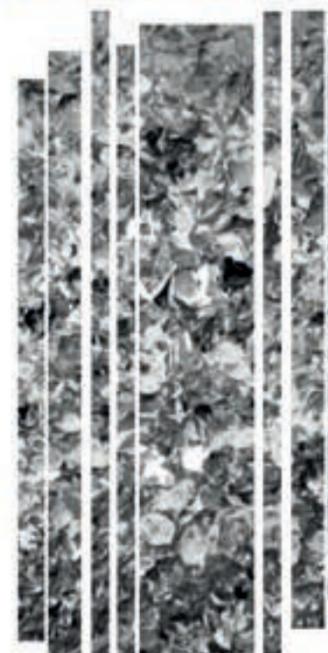
O dia da aldravia será mais um marco para Mariana. A semana da aldravia é um passo importante para a valorização de todos os escritores e artistas independentes nascidos no município. Ela fará parte da história da Primaz e do patrimônio imaterial da cidade.

Mariana é uma referência quando o assunto é produção cultural e continuará sendo ao longo do tempo, pois foi escolhida exaltar a cultura, incentivando todas as formas de expressão artística produzidas no município. (Juliano Vasconcelos – Prefeito interino – 2021/2022)

(FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA - MG :: SANCIONADA LEI QUE INSTITUI O DIA DA ALDRAVIA E SEMANA DA ARTE ALDRAVISTA) – IN: POR SABRINA PEREIRA

17 DE SETEMBRO  
DIA DA  
**ALDRAVIA**

**EPIFANIA  
DO  
BELO  
MEU  
IPÊ  
AMARELO!**





Eduardo (Secretaria de Cultura), Andreia Donadon, Vereador Marcelo Macedo, Dr. J.B. Donadon-Leal e Júlio Vasconcelos – Câmara Municipal de Mariana

## CÂMARA CRIA A COMENDA MUNICIPAL DE MÉRITO ALDRAVISTA

A Câmara Municipal de Mariana aprovou no dia 20 de dezembro de 2021, por unanimidade, a criação da "COMENDA MUNICIPAL DO MÉRITO ALDRAVISTA".

A proposição foi do vereador Marcelo Macedo, que frisou a importância do Movimento de Arte Aldravista na cidade, Brasil e exterior, destacando as inúmeras dissertações de mestradados defendidas na UFMG, UFJF, UFV, UFOP e CEFET-MG; aplicações da aldravia - primeira forma de poesia brasileira - em projetos de incentivo à leitura, à criação poética e às artes visuais.

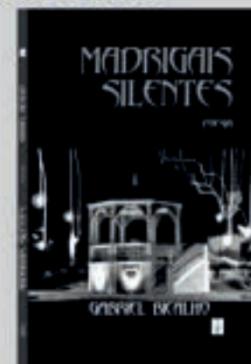
O Movimento levou a metonímia, figura de linguagem, para as artes visuais, num processo de incentivo à criação pictórica, especialmente em pacientes com Mal de Alzheimer, problemas de coordenação motora e cognição.

A Comissão da Comenda será composta por acadêmicos da Casa da Arte Aldravista e Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes, Secretaria Municipal de Cultura de Mariana, Secretaria Municipal de Educação de Mariana e Comissão Permanente da Câmara Municipal de Mariana.

### FALANDO DE LIVROS, LEITURAS E LITERATURAS

VIVA A TROVA 001 – VIVA!

*Em noites de Carnaval,  
a lua, um brinquedo novo,  
vem, confete sideral,  
enfeitar os céus do povo!*  
(Gabriel Bicalho / 15 anos  
Ponte Nova-MG/1963)



"Minha PRIMEIRA TROVA: Primeiro exercício meu, estimulado pela excelente campanha de divulgação da forma poética, empreendida pelos expoentes da cultura trovadoresca brasileira, liderada por LUIZ OTÁVIO, J.G.de Araújo Jorge, Nilo Aparecida Pinto, Eno Teodoro Wanke, Lilinha Fernandes e tantos outros, que os seguiram nessa missão de enorme importância, durante os anos 60! Especialmente, em Minas Gerais, tive a elevada honra de conhecer o notável Trovador, sediado em Juiz de Fora – MG, J. GUEDES (Joaquim Vicente Guedes), que era Membro do NUME, Núcleo Mineiro de Escritores, para quem apresentei algumas trovinhas que eu havia produzido, dentre as quais, esta que ora divulgo. O Excelente Trovador J. GUEDES foi quem me orientou sobre as Normas corretas à produção de uma boa Trova. Uma das instruções mais importantes, tecnicamente, era lema do NUME: "Toda Trova é uma quadra, mas, nem toda quadra é uma Trova!". Não me esqueci! Há mais de 50 anos! A esse inesquecível e saudoso Mestre, meu pleito eterno de gratidão!

VIDA A TROVA 002 – VIVA!

*"Cinquenta gramas de sol;  
quatro, as colheres de lua;  
e... a altivez de um girassol:  
porque alegre, a vida estua!*

(Gabriel Bicalho / Mariana – MG 09/2020)

O verso inicial, desta Trova, foi criação de minha neta, Bianca Bicalho Reis, de cinco anos de idade, quando minha esposa me disse para ir tomar sol e eu não queria ir! Então, a Bianca me disse: - "Vem tomar sol, vovô! Cinquenta gramas de Sol!"... Fiquei um bobalhão, imaginando o que significa " 50 gramas de Sol"! E a mãe dela, minha filha, Michelle, tendo ouvido e entendido a complexidade da frase, exclamou: - "Isso é título para um livro!" ... Fechei a boca aberta e concluí que já nasceu Poeta, essa menininha!" ... Será? ... Pois, esta minha netinha é neta, também, do Amigo e excelente Poeta, GERALDO REIS, de MARIANA-MG, que conquistou, por duas vezes, o PRÊMIO CIDADE DE BELO HORIZONTE, em Concursos Literários promovidos pelo Governo do Estado de Minas Gerais! Assim, resolvi registrar a curiosidade e a autoria do inusitado verso, que me inspirou esta Trova!

# Casa da Arte Aldravista



Casa da Arte Aldravista – Rua Dom Frei José da Stª Trindade, 22. Chácara. Mariana – MG - Agendamento para visitas – [deialeal@jornalaldrava.com.br](mailto:deialeal@jornalaldrava.com.br)

Aberta em 2014, a Casa da Arte Aldravista, localizada no bairro Chácara, tem com o objetivo divulgar a arte Aldravista e conta com diversos livros da poesia e prosa, entre outras expressões artísticas como quadros e ocupações, que tomam conta do local e tornam a visita uma grande experiência artística e cultural. As paredes são tomadas por cores e versos e é possível sentir a essência da aldravia em cada canto da casa. As artes visuais expostas no local, dispensam o uso dos traços e valorizam a liberdade de poder se expressar sem linhas ou limites. Além disso, o espaço conta com oficinas, reuniões de incentivo à cultura e a produção literária, reunindo crianças, jovens e adultos de todos os cantos do Brasil.

A casa possuiu três andares:

01 mini sala para chás, cafés e tertúlias

01 galeria de arte com 350 obras de arte (Andreia Donadon, Elias Layon, Camaleão, DonLeal, Ascensión Chanqués, dentre outros)

01 mini auditório para reuniões da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil. Uma biblioteca com 15 mil livros.

A Casa da Arte Aldravista foi criada pelos poetas, Andreia Donadon e J.B.Donadon-Leal.



Miniauditório para oficinas e pequenas reuniões



Sala de oficinas de leitura e produção textual



Exposição de Esculturas e quadros

## Diretoria da Aldrava Letras e Artes – 2021-2025

**Gabriel Bicalho**

Presidente e Membro da Comissão Editorial

**J.B.Donadon-Leal**

Vice-presidente e Chefe da Comissão Editorial

**José Sebastião Ferreira**

Membro da Comissão Editorial

**Andreia Donadon Leal**

Diretora de Projetos Culturais e Membro da Comissão Editorial

**José Luiz Foureaux de Souza Júnior**

Membro da Comissão Editorial

**Hebe Rôla**

Secretária Emérita

**Lázaro Francisco da Silva**

Membro da Comissão Editorale Vice-presidente – 2000 a 2003

Contato: [deialeal@jornalaldrava.com.br](mailto:deialeal@jornalaldrava.com.br)  
Diagramação: Ailton Fernandes

Realização:



Patrocínio:

